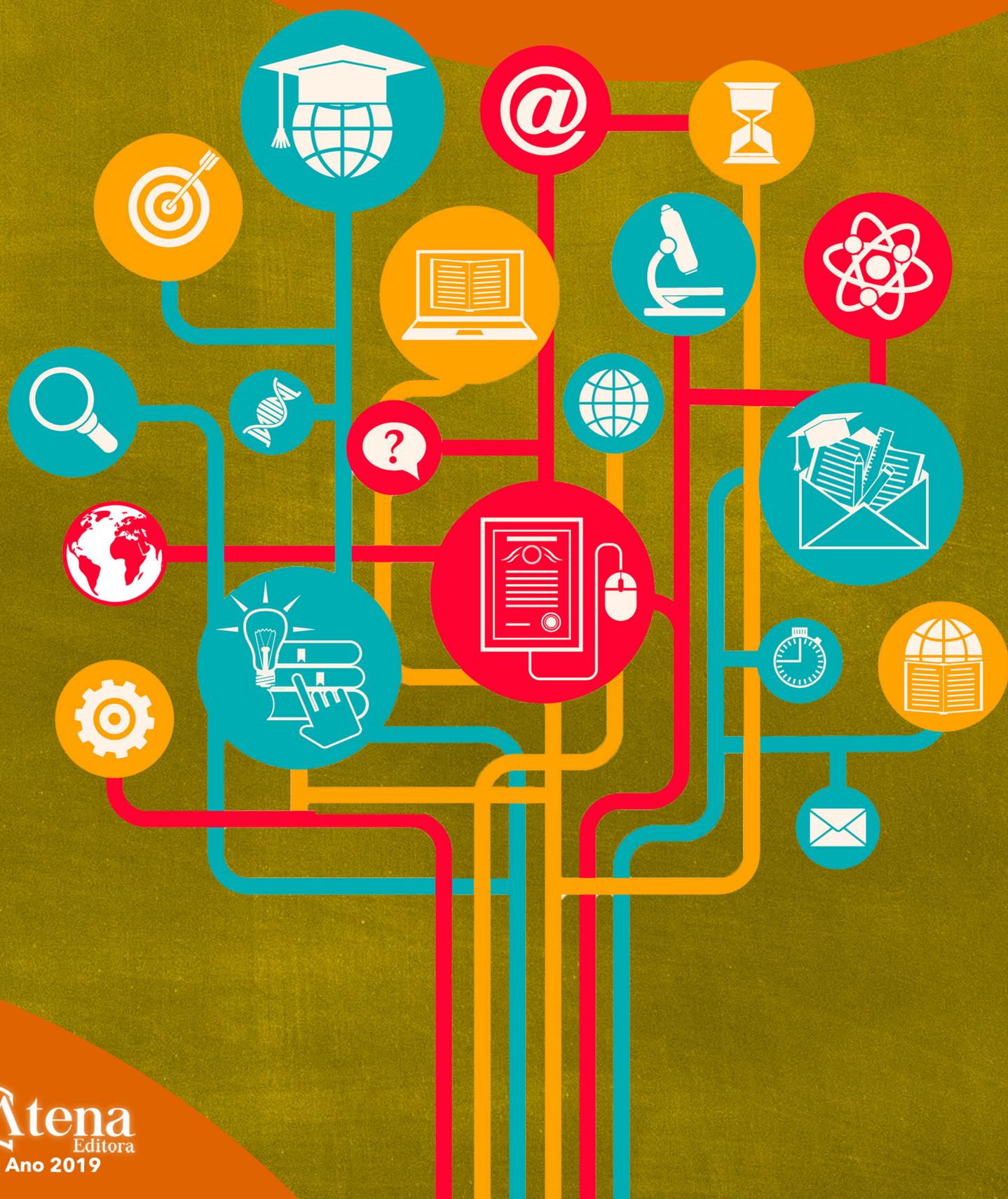


Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços, Limites e Contradições 2



Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços,
Limites e Contradições 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>A educação no Brasil e no mundo [recurso eletrônico] : avanços, limites e contradições 2 / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Educação no Brasil e no Mundo. Avanços, Limites e Contradições; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-480-1 DOI 10.22533/at.ed.801191107</p> <p>1. Educação. 2. Sociedade. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II.Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “A educação no Brasil e no mundo Avanços, Limites e Contradições” traz diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo das ciências humanas.

De acordo com Feldmann e D’Água (2009, p. 196), “mudar o tempo e o espaço da escola é inserir-se numa perspectiva de mudança das estruturas sociais, tendo como horizonte de possibilidades a transformação de uma sociedade injusta e excludente, em uma sociedade mais igualitária e incluyente”. Mudar nesse sentido, talvez signifique reconhecer que nos espaços escolares é a diferença que faz os seres humanos iguais, ou que pela equidade temos o direito de ser diferentes.

Assim, na atualidade, a escola enquanto instituição social responsável pela aquisição do saber, principalmente, o sistematizado, deve repensar suas práticas, na tentativa de embasar-se numa perspectiva científica para desenvolver uma gama de projetos, mesmo com as dificuldades de materiais e dos profissionais.

As responsabilidades da escola vão além de simples transmissora de conhecimento científico. Sua função é muito mais ampla e profunda. Tem como tarefa árdua, educar a criança para que ela tenha uma vida plena e realizada, além de formar o profissional, contribuindo assim para melhoria da sociedade em questão. Como afirma Torres (2008, p. 29): uma das funções sociais da escola é preparar o cidadão para o exercício da cidadania vivendo como profissional e cidadão. O que quer dizer que, a escola tem como função social democratizar conhecimentos e formar cidadãos participativos e atuantes.

O Estado deve garantir o acesso à educação a todas as pessoas, sem discriminação, respeitar e valorizar a docência, assegurar formação continuada e condições de trabalho satisfatórias. E mais: as liberdades de expressão de ensinar e de aprender, o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas que devem se conjugar com as necessidades específicas dos diferentes públicos da educação, contempladas segundo a perspectiva inclusiva e laica, permitindo que a escola se adeque às necessidades e corresponda às realidades de seus estudantes. A qualidade da educação envolve cada um desses critérios e, implica um empenho à favor da promoção da equidade e da diversidade, bem como, o enfrentamento a toda forma de preconceito e discriminação.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
IMPACTOS GERADOS PELA CONSTRUÇÃO CIVIL: O TEMA SUSTENTABILIDADE GANHA MAIS RELEVÂNCIA NO ENSINO DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO	
Dalva Olivia Azambuja Ferrari	
DOI 10.22533/at.ed.8011911071	
CAPÍTULO 2	11
MEMÓRIA E DIVULGAÇÃO: AÇÕES EDUCACIONAIS DA CASA DA CIÊNCIA DO HEMOCENTRO DE RIBEIRÃO PRETO NA DIFUSÃO DO CONHECIMENTO	
Fernando Rossi Trigo	
Flávia Fulukava do Prado	
André Peticarrari	
Marisa Ramos Barbieri	
DOI 10.22533/at.ed.8011911072	
CAPÍTULO 3	29
METODOLOGIAS ATIVAS: AS DIFICULDADES DE IMPLANTAÇÃO NAS ESCOLAS PÚBLICAS BRASILEIRAS FRENTE AOS PROBLEMAS DE GESTÃO	
Wagner Cardoso Silva	
Ana Cristina Mende Muchon	
Daniela Vasconcelos Cardoso de Assunção	
Evelyne Lopes Ferreira	
Fabricia Candida Aparecida de Paula Raggi	
DOI 10.22533/at.ed.8011911073	
CAPÍTULO 4	44
INTERDISCIPLINARIDADE E INOVAÇÃO NO CONTEXTO DA GESTÃO EDUCACIONAL - UM CASO PRÁTICO	
João Leandro Cássio de Oliveira	
João Francisco Sarno Carvalho	
Carla Soares Godinho	
DOI 10.22533/at.ed.8011911074	
CAPÍTULO 5	58
MUSEU FAMILIAR E O PAPEL DA GUARDIÃ DE OBJETOS E MEMÓRIAS	
Frantieska Huszar Schneid	
Francisca Ferreira Michelin	
DOI 10.22533/at.ed.8011911075	
CAPÍTULO 6	70
NOSSOS DIAS: EDUCAÇÃO E RELIGIOSIDADE	
Leonardo da Silva Cezarini	
DOI 10.22533/at.ed.8011911076	

CAPÍTULO 7	81
O PROCESSO EXCLUDENTE QUE PROVOCA A EVASÃO ESCOLAR DE HOMENS E MULHERES TRANSEXUAIS E TRAVESTIS	
Erikah Pinto Souza Jarles Lopes de Medeiros Alexsandra dos Santos Barbosa Marcos Adriano Barbosa de Novaes Johnantan Santiago Moura	
DOI 10.22533/at.ed.8011911077	
CAPÍTULO 8	92
O USO DA TECNOLOGIA ASSISTIVA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO AUXÍLIO DO LETRAMENTO E COMUNICAÇÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO DE GRAU LEVE DE DOIS A SETE ANOS	
Franklin Façanha da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8011911078	
CAPÍTULO 9	104
POLÍTICAS E DIREITO DOS IDOSOS NA AGENDA SOCIAL BRASILEIRA	
Gisele Pasquini Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.8011911079	
CAPÍTULO 10	123
POR UMA PRAXIS EM PSICOLOGIA ESCOLAR HUMANISTA: DIALOGANDO COM PAULO FREIRE	
Evely Najjar Capdeville Sônia dos Santos Osvaldo Peixoto Leite	
DOI 10.22533/at.ed.80119110710	
CAPÍTULO 11	133
PRÁTICAS NA METODOLOGIA DE ENSINO DE BIOLOGIA – UMA PROPOSTA PARA AUXILIAR O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	
Larissa Gonzaga Ferreira Silvia Dias da Costa Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.80119110711	
CAPÍTULO 12	139
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E AS NOVAS TECNOLOGIAS: O ENSINO DE HISTÓRIA E A LEI 11645/2008	
Cristiane Bartz de Ávila	
DOI 10.22533/at.ed.80119110712	
CAPÍTULO 13	150
PRESSUPOSTOS LIBERAIS, REFORMA DO ESTADO (1995) E A GESTÃO ESCOLAR	
Gislaine Buraki Kathelyn Kalyna Belli Suzanete Aparecida de Freitas Vaz	
DOI 10.22533/at.ed.80119110713	

CAPÍTULO 14	160
REFLEXÕES SOBRE O FENÔMENO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Patrícia Fortuna Wanderley Prazeres Andrea Berenblum	
DOI 10.22533/at.ed.80119110714	
CAPÍTULO 15	167
REINVENÇÃO DE PAULO FREIRE NA FORMAÇÃO PERMANENTE DE EDUCADORES EM UMA ESCOLA DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE VILA VELHA/ES	
Débora Monteiro do Amaral Valter Martins Giovedi	
DOI 10.22533/at.ed.80119110715	
CAPÍTULO 16	174
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	
Maria Aparecida Rodrigues Rocha Rayane da Cruz Silva Simone Regina Silva d`Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.80119110716	
CAPÍTULO 17	184
REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA: UMA APROXIMAÇÃO NA ÁREA DA EDUCAÇÃO	
Lina Maria Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.80119110717	
CAPÍTULO 18	195
SUBJETIVIDADES DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETOS DE EXTENSÃO: A EXPERIÊNCIA DA REVISTA ELO	
Patrícia Muratori de Lima e Silva Negrão	
DOI 10.22533/at.ed.80119110718	
CAPÍTULO 19	208
UMA INTERVENÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL EM CRIANÇAS COM HISTÓRICO DE FRACASSO ESCOLAR	
Quezia Crispa Isnardi Silvia Nara Siqueira Pinheiro Leticia Soares Leite Karen Pereira da Motta Lívia Magalhães Vidinha Mariana Souza de Oliveira Milene Bohm	
DOI 10.22533/at.ed.80119110719	
CAPÍTULO 20	217
USE OF CONCEPT MAPS AS A STRATEGY FOR TEACHING-LEARNING AND ASSESSMENT TOOL IN GEOGRAPHY LESSONS	
Márcio Aurélio Carvalho de Moraes Francisco Willians Makoto Plácido Hirano Tatiana de Sousa Araújo Gustavo de Castro Nery	
DOI 10.22533/at.ed.80119110720	

SUBJETIVIDADES DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETOS DE EXTENSÃO: A EXPERIÊNCIA DA REVISTA ELO

Patrícia Muratori de Lima e Silva Negrão

Universidade Federal de Viçosa (UFV)

Viçosa – Minas Gerais

Os modos de vida inspiram maneiras de pensar, os modos de pensar criam maneiras de viver. A vida *activa* o pensamento e o pensamento, por seu lado, *afirma* a vida. (DELEUZE, 2007, p. 18, grifos no original)

A única finalidade aceitável das atividades humanas é a produção de uma subjetividade que enriqueça de modo contínuo sua relação com o mundo. (GUATTARI, 1992, p.33).

RESUMO: Este trabalho constitui-se numa análise qualitativa, eminentemente teórica, na qual foi utilizada a metodologia de leitura crítico-interpretativa de dados, tendo por base a produção de subjetividade na divulgação científica na Revista ELO - Diálogos em Extensão. É importante que os conhecimentos das comunidades científicas cheguem a outras comunidades por meio de trabalhos de extensão universitária, já que pretendem responder ao interesse e às necessidades dos cidadãos pela troca significativa de saberes entre o meio acadêmico e o não acadêmico. Também a divulgação científica deve ser realizada como caminho estratégico para novas discussões

sobre as implicações ambientais e sociais da tecnologia e da ciência na sociedade. Como ocorre um crescente interesse da população pelas novas investigações e descobertas científicas, aumenta a demanda de divulgação desse conhecimento técnico-científico para a sociedade, por meio de trabalhos de extensão, como forma de interar o meio científico e o social; de prestar contas à sociedade; de manter as políticas de investimentos em pesquisas futuras. Porém a divulgação científica em projetos de extensão pode ainda servir a interesses de manutenção hegemônica da ciência entre outras esferas do contexto social, bem como de indução do pensamento do público leigo a respeito da “verdade científica”. Assim, cientistas e pesquisadores, atravessados pelos compromissos de seus currículos também podem buscar o caminho da divulgação. Por isso, torna-se relevante a discussão proposta por este estudo no sentido de se compreender a produção de subjetividade na divulgação científica em trabalhos extensionistas publicados pela Revista ELO e de encadeamentos teórico-práticos sobre esse assunto.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade; Divulgação Científica; Extensão Universitária.

1 | INTRODUÇÃO

A Universidade Federal de Viçosa, bem como outras instituições de ensino superior, vem acumulando ao longo dos anos experiência e tradição em ensino, em pesquisa mas também em extensão e, na perspectiva contemporânea do trabalho extensionista, a UFV tem compreendido que é por meio de uma relação intensa e constante com a comunidade que o meio acadêmico ganha vida, oxigenando os saberes (artístico, cultural, tecnológico e científico).

Além disso, acredita-se que é nessa relação que se produz o conhecimento – por intermédio da permuta entre saberes não-acadêmicos e não-sistematizados e saberes acadêmicos e sistematizados – e que “as ações de extensão adquirem maior efetividade se estiverem vinculadas ao processo de formação de pessoas (Ensino) e de geração de conhecimento (Pesquisa).” Variadas possibilidades de *links* entre Extensão, Ensino e Pesquisa surgem, uma vez que são essas articulações que permitirão que seja possível contribuir para a transformação social de forma que os atores envolvidos apreendam saberes ainda não sistematizados mas também tenham clareza dos problemas sociais sobre os quais suas pesquisas precisam atuar. (POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2013.)

Segundo Van Dijk (2011, p. 19), “grande parte do que sabemos aprendemos a partir dos meios de comunicação”; portanto, essa necessidade de divulgação do conhecimento científico tem repercussão direta na forma e na estrutura do discurso que divulgará esse conhecimento para o público não especializado. Em consequência disso, surge a necessidade atual de se estar sempre visível para ser alvo da atenção de todos e essa exigência de se tornar visível está atrelada ao desejo de reconhecimento e aprovação. O cidadão (e seu trabalho) adquire ou não credibilidade e confiabilidade, sendo avaliado e/ou respeitado pelo que se exhibe e como se exhibe aquilo que se produz. Assim, essa necessidade de visibilidade constante está diretamente relacionada a relações de prazer, de sociabilidade, mas também de poder e de legitimação.

No que diz respeito ao cientista, ao pesquisador e ao divulgador do discurso científico, essa injunção pela legitimidade está também atrelada ao fato de que o campo social da ciência é resultado de confrontos e disputas com outros campos pela credibilidade, pelo poder, pelo status de verdade e de confrontos também internos pelo poder de fala, pela consolidação de métodos, por maior capital científico, entre outros. afinal, a Ciência não surge do nada, é produto de um processo histórico/cultural e de um trabalho de interação de cientistas e “não tem sentido se não chega aos cidadãos” (CALSAMIGLIA, 1997, p. 10, apud CATALDI, 2011).

A mídia, como dispositivo enunciador da informação (uma vez que é nela e por meio dela que muitas vezes se constrói também o discurso de divulgação científica) atende, de certa forma, a essa necessidade de legitimação já que ela se configura como importante canal que permite e possibilita a comunicação dos cientistas com/para/na sociedade, interferindo nos processos socioculturais, nas relações sociais e

em novos processos de significação, divulgação de conhecimentos e produção de sentidos.

Exemplos desses dispositivos enunciadores da informação nas Universidades são a revista científicas, inclusive as de extensão. A Revista ELO – Diálogos em Extensão, publicada pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFV é uma delas. O periódico, lançado em 2010, é voltado para a divulgação, por meio de artigos científicos, relatos de experiência, resenhas e descrições de instituições, de trabalhos de extensão universitária, desenvolvidos no Brasil e em outros países.

Propomos neste trabalho, portanto, uma reflexão sobre os possíveis modos de subjetivação do sujeito, em suas relações políticas e sociais, a partir do processo de produção e circulação do discurso de divulgação científica no contexto da Revista ELO – Diálogos em Extensão.

O Saber Científico e a Divulgação Científica

A noção científica de “discurso” é distinta da que se usa normalmente na mídia, discurso é o uso da linguagem (falada ou escrita) e pode ser transmitido tanto pelos meios modernos como pelos tradicionais. Além disso, pode ser parte de uma grande variedade de situações comunicativas (contextos) ao envolver como participantes diferentes tipos de falantes. Portanto “discursos são textos em contextos” (VAN DIJK, 2011, p. 22) .

Sendo assim, o ato de divulgação do discurso científico envolve estratégias específicas, como a substituição da linguagem científica, teórica, geral e técnica por termos conhecidos do público em geral, a inclusão ou não de elementos narrativos, ou a utilização de exemplos concretos e de metáforas que ajudem na compreensão de elementos abstratos pelos não especialistas. Se o objetivo for, pois, divulgar o conhecimento científico, será crucial “recontextualizar” esse discurso para outro contexto, para outra situação comunicativa, e “retextualizá-lo”, ou seja, reformular e adaptar esse conhecimento para o público em geral (CATALDI, 2011, p. 75) de forma consciente e competente, estreitando as relações entre ciência e público, proporcionando a inserção social e cultural do conhecimento científico por meio do acesso a essas descobertas e fatos; mas também legitimar-se a si mesma; representar-se de maneira positiva; justificar sua importância, financiamentos e políticas públicas; assim como conduzir ou não o público a avaliar criticamente os benefícios e os riscos dessas pesquisas.

Logo, a existência desse processo de formulação de um novo discurso reforça a relevância de uma análise das publicações de divulgação científica como agentes de produção de subjetividade. Isso se ratifica ao se levar em consideração que discurso é efeito de sentido entre locutores (PÊCHEUX, 1995). Por isso, traz consigo pistas da articulação da língua com o contexto histórico, social, econômico etc. Sendo assim, o discurso de divulgação científica publicado estará sempre atrelado a interesses

relacionados ao contexto político, social, histórico, econômico, da internet, das redes sociais e da inovação e tudo isso interferirá diretamente nos efeitos de sentido que serão produzidos a partir daí.

Modos de Subjetivação

Por que o ser humano age de acordo com alguns padrões, muitas vezes, consagrados e estabelecidos? Segundo Deleuze (2001), é porque, por meio do hábito de adquirir hábitos, o ser humano forja o que chama de espírito, consciência, subjetividade. E se é nessa repetição dos hábitos que o “espírito” é constituído, percebe-se aí já uma subjetividade essencialmente interativa e relacional, uma vez que é apenas na interação que é possível criar hábitos e forjar o “espírito”.

Antes de tudo, é preciso entender que não existe a subjetividade do tipo “recipiente”, na qual seria depositado algo puramente exterior, que, depois, seria interiorizado, porque esse algo sempre é também elemento que constitui a subjetivação (GUATTARI; ROLNIK 1999. p.34) e essa subjetivação (relação consigo mesmo e com as outras coisas) é produzida mas é, ao mesmo tempo, produtora.

A subjetividade pode portanto ser entendida como um processo de produção no qual participam múltiplos componentes, que são resultantes da apreensão parcial que o ser humano realiza de elementos presentes no contexto social, num fluxo ininterrupto de sentimentos, emoções, valores e formas de viver, fabricados em interações de instâncias sociais e individuais, numa polifonia de vozes (GUATTARI; ROLNIK, 1999), agenciados por meio da linguagem.

Essa “linguagem” deve ser compreendida para além da ação com a língua, mas também como ação sobre a língua, já que é ela que transforma o locutor em sujeito, que se submete ao que é determinado, mas, simultaneamente, age nos espaços. Dessa forma, esse sujeito não é nem assujeitado nem totalmente livre e, para se chegar aos sentidos possíveis dos enunciados, é preciso buscar o contexto de produção e os fatores que concorreram para que determinado efeito de sentido fosse produzido (FRANCHI, 1977).

Como a língua é o lugar de confronto socioideológico, o sujeito existe na interação linguística, sendo a palavra sempre orientada na direção do outro. A palavra neutra de sentido não existe, já que sempre se fala aquilo que já foi dito antes por outrem. Assim, uma única palavra pode ser compreendida de forma dialógica desde que se escute nela outras vozes. É exatamente, com base nessa relação dialógica, que se estabelece o vínculo do discurso de divulgação científica com a extensão universitária.

A Extensão Universitária

Bem como a própria concepção de conhecimento das universidades vem se alterando com o tempo, o conceito de extensão também tem se alterado. O termo latino *extendere*, formado pelos elementos EX (fora) e TENDERE (esticar), e o termo

extensionis estão relacionados à origem da palavra extensão, que, por isso, pode ser entendida como ato ou efeito de estender, alargar, espalhar, aumentar o conteúdo, difundir.

Sendo assim, compreende-se o fato de que, num primeiro momento, essa tenha sido a compreensão que se teve a respeito da Extensão Universitária: uma perspectiva educacional tradicionalista, na qual as universidades possuíam a missão de disseminar (estender) a todos os seus conhecimentos e as suas técnicas; oferecer prestação de serviços, além de difundir a cultura. Essa foi a fase da extensão vista como Transmissão de Conhecimentos ou Devolução, influenciando os contextos históricos, sociais e econômicos do país, concentrando-se em definir conteúdos que poderiam ser imediatamente aplicáveis.

Outra fase da extensão foi a do Assistencialismo, na qual a principal função dos trabalhos realizados era a prestação de serviços sob a forma de cursos práticos, serviços técnicos, assistenciais e conferências. Porém as instituições de ensino superior têm buscado recentemente uma formação mais comprometida de seus estudantes, uma produção de conhecimento baseada no diálogo e, por isso mesmo, mais apropriável por toda a sociedade, pois, se por um lado o conhecimento sistematizado e acadêmico interfere diretamente na vida das pessoas, por outro lado, é fato que o conhecimento popular direciona o saber científico.

Dessa forma, baseada no princípio da indissociabilidade – ensino, pesquisa e extensão – a extensão atualmente tem sido vista sob a perspectiva de um “processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade” (POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2013). Essa é a fase extensionista da Reflexão da Universidade (dialógica). Nessa perspectiva contemporânea do trabalho extensionista, o conhecimento científico não deve ser apenas transferido à comunidade não acadêmica mas se configura como um dos instrumentos de construção e de transformação da sociedade.

Isso significa que, em princípio, as publicações de divulgação científica, realizadas por meio de projetos de extensão, devem ser compreendidas como caminho estratégico para novas discussões sobre as implicações ambientais e sociais da tecnologia e da ciência na sociedade; pois, é por meio dessa articulação de conteúdos éticos, técnicos e humanísticos que se torna possível conhecer as exigências da sociedade, desenvolver recursos capazes de responder a elas e trabalhar pela solução de problemas sociais urgentes relacionados à saúde, à educação, à produção de alimentos, à ampliação da renda, além de contribuir na formação de indivíduos de maneira integral, como seres sociais que são.

Porém, cientistas e pesquisadores, atravessados pelos compromissos com seus currículos e com suas promoções na carreira, também veem na divulgação científica de projetos de extensão a possibilidade de dar visibilidade para as suas pesquisas, além de uma forma de atender a essas expectativas profissionais e de lugar de fala do

meio acadêmico. E isso que este trabalho busca compreender.

A Revista ELO - Diálogos em Extensão

Entende-se atualmente que o saber científico deva ser compreendido em suas múltiplas dimensões e não só como instância produtora de verdade. Com o objetivo de atender a essa necessidade urgente, de se estabelecer um diálogo maior e mais intenso de saberes, a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Viçosa criou a Revista Elo – Diálogos em Extensão, uma revista multidisciplinar dedicada à extensão universitária.

A Revista é destinada à publicação de relatos de experiências, artigos e trabalhos institucionais que discutam os resultados de atividade de extensão universitária. É uma publicação eletrônica de periodicidade quadrimestral e utiliza o Sistema de Editoração Eletrônica de Revistas (OJS/SEER), recebendo trabalhos em fluxo contínuo. Lançada em novembro de 2010, recebe trabalhos relacionados a áreas temáticas interdisciplinares da extensão universitária, está indexada no DOAJ e no Google Acadêmico e atualmente adota o formato online.

A respeito desse processo de publicação de trabalhos de extensão universitária, é importante analisar, portanto, as razões pelas quais a comunidade acadêmica divulga o conhecimento científico ao público não especialista, já que o sujeito é constituído ideologicamente a partir de formações discursivas, sendo que essas estão sempre relacionadas às formações ideológicas (PÊCHEUX e FUCHS, 1990).

Isso porque tanto o contexto de produção quanto os fatores de produção de sentido estão presentes e são determinantes no discurso de divulgação científica, como em qualquer outro, uma vez que o divulgador científico não um simples tradutor do discurso científico, mas agente social, configurando-se claramente como trabalhador extensionista já que busca transformar não só a universidade mas também os setores sociais com os quais interage.

Isso reforça a relevância de uma análise das possíveis subjetividades produzidas pelos discursos de divulgação científica e de um panorama dessas publicações de extensão universitária. Pelo exposto, esse trabalho tem o objetivo de analisar as possíveis subjetividades em publicações de divulgação científica na Revista ELO – Diálogos em Extensão.

2 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa documental, exploratório-descritiva, de natureza quantitativa, realizada por meio de um levantamento de trabalhos publicados na revista de extensão universitária, Revista ELO - Diálogos em Extensão, publicada pela Universidade Federal de Viçosa.

Assim, este estudo tem por fonte uma leitura crítico-interpretativa de dados

obtidos pelo sistema OJS em relação às publicações da Revista ELO desde a sua criação, em 2012, até 2018, as quais abordam a temática da divulgação científica em programas ou projetos de extensão universitários. Como procedimento metodológico, optou-se pela pesquisa bibliográfica, já que esta se constitui como um mecanismo relevante na construção do conhecimento científico.

3 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A divulgação científica em trabalhos de extensão universitária ganha cada vez mais visibilidade no contexto atual diante das ações que têm por objetivo a percepção de demandas da sociedade em relação a novas pesquisas e o atendimento de necessidades sociais urgentes. A Revista ELO – Diálogos em Extensão é uma dessas ações, por se constituir num espaço público e gratuito para que a sociedade acadêmica possa divulgar resultados de seus trabalhos em extensão universitária e para que toda a sociedade tenha acesso a essas informações.

Em relação às publicações, a análise dos dados apontou um total de 109 trabalhos publicados desde a sua criação até o último número de 2017. Dos trabalhos publicados, 79 são artigos; 29 relatos de experiência; 1 documento de divulgação de instituições e nenhuma resenha, conforme Figura 1:

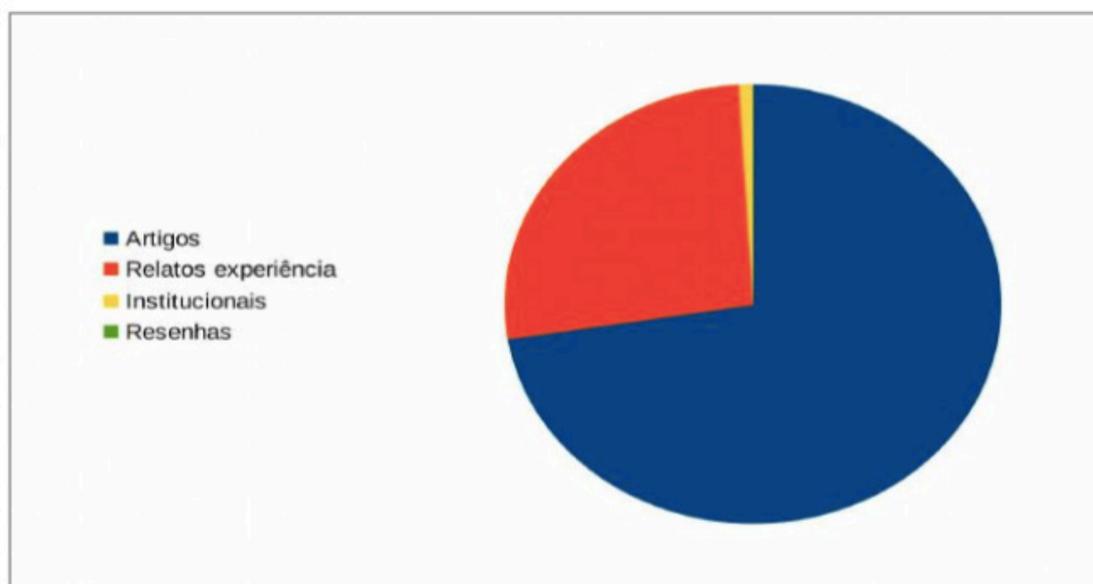


Figura 1: Total de trabalhos publicados (108) de 2010 a 2018.

Fonte: Dados da plataforma SEER, sistema Open Journal System (OJS).

Em relação a essas publicações, foi possível verificar quais Áreas Temáticas foram contempladas por essas publicações, conforme Figura 2:

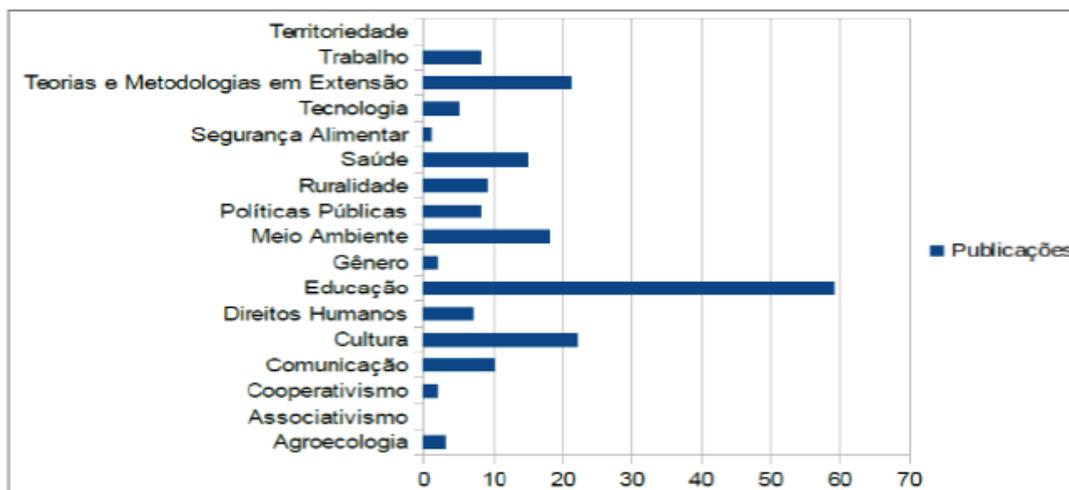


Figura 2: Publicações por áreas (2010 a 2018).

Fonte: Dados da plataforma SEER, sistema Open Journal System (OJS).

Percebe-se, portanto, que as áreas temáticas Educação, Teorias e Metodologias em Extensão e Cultura são as mais recorrentes nas publicações. A educação influencia a evolução e a transformação das estruturas vigentes na sociedade. Sendo assim, o maior número de publicações nas áreas de educação e cultura podem ser resultado dos avanços atuais na informação, na tecnologia e do aumento do acesso da população às descobertas científicas. Porém, isso pode ser justificado também pelo crescente interesse público nas áreas de Educação e Cultura, em função das crescentes demandas relacionadas à qualificação da mão de obra e à necessidade de se ampliar a capacidade do país para atrair investimentos decorrentes de interesses econômicos.

Além disso, é possível que o interesse em publicações na área de Teorias e Metodologias em Extensão advinha da necessidade atual da academia de se reaproximar das reais demandas da sociedade; de propor alternativas para se enfrentar situações-problemas; de propiciar troca de saberes entre a população e a comunidade científica; de atuar diretamente na transformação da sociedade e na formação de seus alunos, técnicos e professores. Ademais, as publicações nessa área cumprem o papel de colocar a extensão em igual posição no que diz respeito à pesquisa e ao ensino, já que ela ocupava antes patamar de valor menor entre as outras duas funções da universidade.

É importante observar que, de 2010 a 2014, a Revista ainda não utilizava a plataforma de Serviço Eletrônico de Editoração de Revistas – SEER. Em razão disso, não há dados disponíveis no sistema sobre esses anos, porém, foram publicados um total de 43 trabalhos nesse período. Embora o número de trabalhos publicados entre 2012 e 2014 seja relevante; nesse período, a ELO ainda não apresentava uma regularidade em números de artigos publicados nem uma periodicidade fixa de publicação anual. Também não estava indexada em bases bibliográficas.

Em 2015, a ELO passou por um processo de reformulação contando com novos

Editores e renovação do Corpo Editorial; além disso, passou a utilizar a plataforma SEER, a partir do Open Journal System (OJS), sendo que as versões iniciais impressas da Revista foram inseridas no sistema.

Em 2016, o periódico passou a adotar o formato online, primando pela regularidade, qualidade e agilidade no processo de avaliação dos trabalhos submetidos, buscando, assim, alcançar os melhores resultados junto aos órgãos indexadores. A Revista também foi indexada no DOAJ e ao Google Acadêmico e iniciou-se o projeto da internacionalização para divulgação da Revista entre Universidades da América Latina. Ademais, como a adoção das redes sociais pelos periódicos é uma prioridade nas linhas de ação de profissionalização e internacionalização, essa também foi uma meta alcançada pela ELO em 2016.

Todo esse trabalho visa melhorar a classificação da ELO no sistema Qualis de avaliação de periódicos científicos – ela atualmente se classifica nas categorias B4 e B5 em 8 áreas de avaliação e C em 5 – e ampliar a visibilidade da Revista. Consequentemente, esse processo fez com que se ampliasse também o número de leitores cadastrados e, como resultado, o número de trabalhos submetidos e publicados (o v. 7, n. 1, 2018 não foi publicado até o momento desta pesquisa na plataforma SEER), conforme é possível verificar na Figura 3:

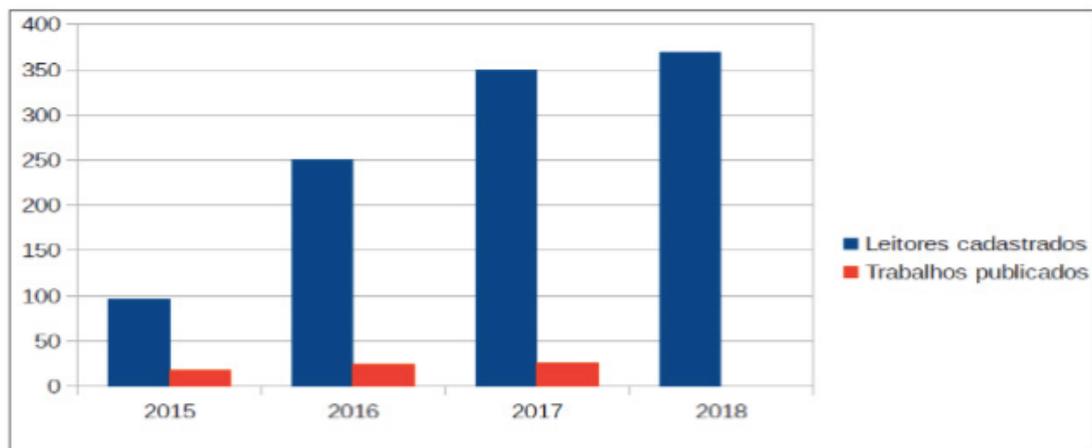


Figura 3: Número de leitores cadastrados na Revista ELO de submissões a partir de 2015.

Com esses dados, torna-se possível verificar como os processos de comunicação e divulgação da ciência foram beneficiados pelas Tecnologias da Comunicação e da Informação, que trouxeram consigo a ampliação do acesso aos resultados de pesquisas. Esses recursos de divulgação facilitam a localização de artigos em periódicos e promovem a visibilidade deles por meio de algumas características, como a presença na Web, acesso aberto, opções de idiomas para o sistema do periódico e indexação em bases de dados conceituadas, o que gera uma maior capacidade de exposição, influenciando diretamente o público-alvo e, consequentemente, no interesse pela publicação por parte dos cientistas e pesquisadores.

Assim, ratifica-se, após a análise dos referidos dados, a potencialidade desse

meios de comunicação na parceria pela divulgação do conhecimento científico, o que é confirmado pelo grande número de periódicos com esse fim e pelo aumento do número de publicações ao longo dos anos, em função dos critérios adotados por esses veículos, os quais os tornam cada vez mais atraentes, conforme constatado por este estudo.

É evidente que, no universo acadêmico, a prática da extensão atualmente se configura como forma de uma instituição pública se manifestar em relação ao seu compromisso social; além disso, os atores envolvidos nesse processo adquirem clareza das questões sociais nas quais precisam atuar e, a partir dessa percepção, têm melhores condições para definirem novos rumos para suas pesquisas e trabalhos, os quais, necessariamente, devem ser publicizados por intermédio da divulgação científica.

Porém, razões políticas, muitas vezes, sustentam a divulgação científica também nos projetos de extensão, em função de que esse discurso de divulgação pode estar orientado a direcionar recursos para determinadas áreas levando ao fortalecimento de umas linhas de ação e ao completo abandono de outras. Assim, é fato que os periódicos geram conhecimento, porém é por meio de seus editoriais, da seleção e do ordenamento dos artigos que destacam o que consideram fundamental.

Cabe, assim, aos editores administrar todo o processo de avaliação dos trabalhos submetidos aos periódicos, assessorados pelo corpo avaliativo. É importante ainda que os editores estejam atentos para evitar que, ao realizar o processo de divulgação científica, não sejam apenas destacadas as afirmações que se interessa divulgar, terminando por apresentá-las fora de seu contexto original ou reduzindo a pesquisa em suas partes mais elementares, divulgando os resultados do trabalho, mas não a forma como foi realizado ou o método utilizado.

Essa ação, em vez de aumentar o conhecimento do público leigo do conhecimento científico acaba por distanciá-lo dele, pois uma afirmação científica, fora de seu contexto, pode assumir um caráter a-crítico e impedir um pensamento em vez de estimulá-lo, pois um público que não é capaz de compreender o conhecimento científico está claramente a ele submetido.

Isso ocorre por descuido ou despreparo do divulgador científico, mas também intencionalmente buscando legitimar discursos, ideias ou posições. Segundo Foucault (2002), os fatores de coerção e a influência que um determinado discurso pode exercer sobre o seu público estão ligados às relações de poder. Esse poder é uma forma de coação tanto por parte de quem o detém como por parte de quem está sujeito a ele; portanto, não há maneiras de se livrar dele e o discurso é uma das formas de difundir-lo. No caso do discurso científico, como há uma cultura, vinda da Idade Média, da credibilidade associada à imagem do cientista, sempre há o risco de um discurso de um determinado autor ser automaticamente tomado como verdade.

Assim, é claro que a divulgação científica em trabalhos de extensão pode servir a interesses de dominação quando atende a grupos detentores de todos os âmbitos

do poder, produzindo subjetividades alienantes e gerando consequências graves à sociedade, a menos que seja realizada de forma consciente e competente.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A subjetividade produzida pela divulgação científica em trabalhos de extensão é o centro de investigação deste trabalho no que diz respeito a uma leitura multidimensional, crítico-interpretativa e intertextual (PAIVA, 2000) desse tipo de discurso e propôs o entrecruzamento e até o confronto de diversos percursos teóricos, nos quais ecoam outras vozes e se constroem outras possibilidades de diálogos, fazendo emergir outros elementos às possíveis discussões sobre o assunto.

É evidente que compartilhar o saber é uma atitude própria das culturas democráticas. Sob essa perspectiva, o discurso de divulgação científica assume caráter informativo, mas, sobretudo, educativo. Nesse sentido, a trajetória dessa pesquisa permite concluir que a Revista ELO – Diálogos em Extensão cumpre sua função de meio de divulgação científica e, também, seu papel extensionista, por se configurar como periódico interdisciplinar; contribuir para formação dos alunos no que diz respeito à inter-relação dos autores (professores/estudantes/pesquisadores); divulgar reflexões e resultados de atividades de extensão universitária; primar pela indissociabilidade com o ensino e a pesquisa; ampliar o entendimento dos contextos atuais e propor ações que viabilizem a construção de um novo mundo.

Porém, é claro também que, nesse contexto, movimentam-se os diferentes sujeitos – o extensionista (que se configura como agente que busca a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade), o cientista (que se apresenta como quem busca verdades universais, que se pretende neutro e objetivo), o divulgador (que desloca saberes científicos, recortando-os; que, muitas vezes, escreve um discurso próprio e que pode atender a interesses de outras instâncias que determinam o que será divulgado e o que é relevante) e o leitor (que pode se apresentar como interpretado, quando sobre ele é projetado o sentido que se quer dar ao discurso; ou interpretante, quando é capaz de produzir sentidos próprios ao que lê). Todos esses sujeitos constituem-se pelas subjetividades produzidas, relacionadas ao poder, à verdade da ciência e à verdade da mídia divulgadora.

Esse trabalho aponta, portanto, para a necessidade de que tanto a sociedade como a comunidade científica reflitam sobre essa relação entre ciência e sociedade e que se interessem em discutir as formas pelas quais o conhecimento produzido nas instituições de ensino é tornado acessível para a sociedade sem que se torne uma mercadoria, sem que o experimento se banalize, sem que uma ideia equivocada de ciência seja transmitida e sem que os interesses das classes dominantes prevaleçam sobre a sociedade em geral. É necessário, portanto, divulgar e ler ciência de maneira contextualizada e crítica, mas é primordial que se esteja consciente das subjetividades

possivelmente produzidas nos processos de divulgação, de aquisição e de interpretação do conhecimento.

Porém, Miranda (2000) ressalta que, embora a subjetivação contemporânea se encontre alicerçada em dispositivos vários, isso não significa o aprisionamento absoluto, pois é sempre possível resistir, escapar desses agenciamentos e, até mesmo, apropriar-se de forma diferente daquilo que é oferecido. Ou seja, é sempre possível atrever-se a singularizar, a encontrar uma forma de recusar esses modos preestabelecidos de manipulação.

É fato que a consolidação de uma carreira acadêmica está diretamente relacionada ao ensino, à extensão, mas principalmente, à pesquisa e posterior divulgação de resultados. Por isso, pesquisadores encontram na divulgação científica, além do meio para atuarem diretamente em questões sociais em trabalhos extensionistas, a maneira de validarem suas conclusões, garantirem o crédito pela descoberta e aprimorarem seus currículos, o que é inteiramente legítimo.

No entanto, é sempre importante ressaltar que essas publicações devem ser consequências naturais do trabalho de um pesquisador, do esforço e da dedicação dele em relação à Ciência e Tecnologia. Nessa perspectiva, o artigo científico deve acontecer por causa da pesquisa e não o contrário. Alerta-se, portanto, para o fato de que essa lógica, correntemente, ocorra de forma meramente instrumental e contábil, contrária à intenção inicial da pesquisa, o que resulta numa imagem distorcida da atividade científica, na qual a ciência está reduzida à sua aplicação, isto é, à sua vertente pragmática, negando-se a busca da verdade para privilegiar os procedimentos e os resultados em detrimento das causas.

REFERÊNCIAS

CATALDI, C. O discurso sobre ciência: os transgênicos em foco na mídia impressa. In: GOMES, M. C.A.; CATALDI, C.; MELO, M. S. S (Org.). **Estudos discursivos em foco**: práticas de pesquisa sob múltiplos olhares. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2011, p. 71-92.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs** - Capitalismo e Esquizofrenia. V.1. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995, p. 9-27.

DELEUZE, G. **Empirismo e Subjetividade**: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. Tradução de Luiz. L. Orlandi. São Paulo: Ed.34, 2001.

DELEUZE, G. **"Nietzsche"**. Lisboa: Edições 70, 2007. 106 p.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 6ª edição- Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2002.

FRANCHI, C. "Linguagem: atividade constitutiva". **Almanaque**, vol. 5, São Paulo, Brasiliense, 1977.

GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1999.

MIRANDA, L. Subjetividade: A (des)construção de um conceito. In: JOBIM e SOUZA, S. (org) **Subjetividade em questão**: a infância como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Ed.7 Letras, 2000, p. 29-46.

PAIVA, A. C. S. **Sujeito e laço social** – a produção da subjetividade na arqueogenealogia de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

PÊCHEUX, Michel & FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In : GADET, Françoise. & HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas, Ed. da UNICAMP. 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995.

VAN DIJK, T.A. Por uma teoria da comunicação científica: discurso, conhecimento, contexto e compreensão da sociedade. In: GOMES, M. C.A.; CATALDI, C.; MELO, M. S. S. **Estudos Discursivos em foco**: práticas de pesquisa sob múltiplos olhares. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2011.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-480-1

